

**Rituais religiosos e mise en scène fílmica:  
O exemplo do Vale do Amanhecer (D.F., Brasil) <sup>1</sup>.**

Marilda Batista<sup>2</sup>

Neste trabalho, apresento dados de minha tese de doutoramento, na qual desenvolvi um estudo sobre os rituais da comunidade religiosa milenarista do Vale do Amanhecer (D.F.). Associando a perspectiva antropológica à metodologia audiovisual, o filme foi utilizado como principal meio de exploração e suporte para a análise dos rituais, em particular, no estudo do ritual da Estrela Candente<sup>3</sup>. Foram colocados em evidência os aspectos cênicos das práticas rituais com o propósito de restituir e comparar as diferentes *mises en scène*. A observação diferida das imagens fílmicas e a análise das inúmeras *mises en scène* rituais revelaram a existência de uma verdadeira lógica do espetacular, sendo esta uma das chaves para a compreensão do processo ritual na comunidade.

O estudo busca contribuir para o desenvolvimento do conhecimento do campo religioso, ao evidenciar a pertinência do uso da linguagem cinematográfica na pesquisa antropológica. O Vale do Amanhecer é uma comunidade religiosa, com aproximadamente sete mil habitantes, situada a cinquenta quilômetros de Brasília, próxima da cidade-satélite de Planaltina. Os habitantes da comunidade são, em sua maioria, funcionários públicos ou trabalham no setor terciário e se deslocam diariamente para trabalhar em Brasília. Além dos adeptos que freqüentam a sede da comunidade, existiriam cerca de setenta mil adeptos em todo o Brasil, repartidos nos trezentos templos externos, de acordo com as estatísticas informais da própria comunidade.

Combinando elementos do catolicismo, do espiritismo de Allan Kardec, do candomblé, da umbanda, bem como de algumas religiões orientais, o Vale do Amanhecer é conhecido principalmente por suas características visuais.

Na década de oitenta, a comunidade foi amplamente divulgada pelos meios de comunicação locais, tendo sido feitas várias reportagens em jornais e revistas, quando serviu até de cenário a capítulos de uma telenovela de grande audiência transmitida para todo o país.

De inspiração milenarista, o Vale do Amanhecer visa preparar a humanidade para a chegada do terceiro milênio, período que, acredita-se, será precedido de conflitos e cataclismas apocalípticos, dos quais os únicos sobreviventes seriam o “povo eleito” constituído pelos membros da comunidade. O conjunto dos “ensinamentos” ou a doutrina do Vale do Amanhecer é fundamentalmente inspirada no espiritismo de Allan Kardec. Como no espiritismo kardecista, a noção de “mediunidade” se encontra no centro da doutrina do Amanhecer, qualquer pessoa podendo se tornar médium e, conseqüentemente, um adepto da comunidade, desde que desenvolva sua mediunidade.

A comunidade foi fundada em 1959 por uma mulher, Neiva Chaves Zelaya, na mesma época da criação de Brasília. Segundo relatos de adeptos e documentos publicados pela comunidade, Neiva tinha apenas 24 anos quando ficou viúva com quatro filhos pequenos. Foi então que resolveu deixar o Nordeste, sua região natal, para partir em direção ao Planalto Central a fim

---

<sup>1</sup> 51º Congresso Internacional de Americanistas – Santiago, Chile, 14 – 18 de julho de 2003. Simpósio A-21 “Mirando América: nuevos enfoques y perspectivas de análisis en antropología visual”.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia e Cinema pela Université de Paris X-Nanterre, Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, Bolsista recém-doutor.

<sup>3</sup> A pesquisa de campo foi efetuada entre 1995 e 1996, sendo as filmagens realizadas em formato Super 8mm (cinema), Hi8mm e VHS-c (vídeo), no total de, aproximadamente, trinta e seis horas de imagens em vídeo e três horas em cinema.

de exercer a profissão de motorista de caminhão. Dizia-se que, naquela época para ser respeitada, Neiva levava seus filhos consigo na boléia de seu caminhão.

De forte personalidade, ao mesmo tempo vaidosa e determinada, Neiva foi obrigada, alguns anos depois, a abandonar seu trabalho de motorista de caminhão, pois começou a ter visões que a impediam de trabalhar. Através destas visões, Neiva recebeu um chamado para se consagrar a uma missão especial, ou seja, à fundação de uma comunidade destinada a auxiliar as pessoas necessitadas.

A partir daquele momento, Neiva, clarividente e guiada por suas visões, decidiu dedicar sua vida à edificação da comunidade do Vale do Amanhecer, sendo, desde então, carinhosamente chamada pelos adeptos de *Tia Neiva*.

Apesar de sua morte aos sessenta anos de idade em 1985, *Tia Neiva* permanece uma figura carismática, sendo objeto de grande devoção entre todos os adeptos. Após seu falecimento, um grupo de quatro pessoas, todos homens, assumiu a direção da comunidade, incluindo seu companheiro Mário Sassi<sup>4</sup>. Atualmente, três membros da direção, juntamente com os filhos de *Tia Neiva*, mantem o controle da comunidade.

Desde sua fundação, o Vale do Amanhecer consagrou-se como um lugar de trabalho ritual e terapêutico organizado em torno da clarividente *Tia Neiva*, cujos poderes sobrenaturais sempre foram reconhecidos por toda a comunidade. Por sua mediunidade, pelos contatos desenvolvidos com o mundo sobrenatural e seus poderes de cura, *Tia Neiva* assemelha-se à figura do profeta, "portador de carismas pessoais", tal como foi definido por Max Weber.

Dando origem ao que, posteriormente, seria estabelecido como sendo a doutrina do Vale do Amanhecer, as primeiras mensagens de origem divina, recebidas através das visões de *Tia Neiva*, foram transcritas à mão pela clarividente transformando-as em cartas endereçadas aos adeptos. Levando em conta que *Tia Neiva*, semi-analfabeta, não tinha o domínio da escrita e a fim de facilitar a leitura, as cartas foram posteriormente datilografadas, fotocopiadas e distribuídas entre os adeptos visando sua formação. De acordo com os membros da comunidade, toda e qualquer criação da doutrina e das práticas rituais provem de mensagens divinas, sendo *Tia Neiva* a única e exclusiva porta-voz do mundo dos espíritos.

À medida que as revelações foram sendo feitas, constituíam-se gradativamente os elementos materiais que hoje se encontram presentes no espaço físico da comunidade, bem como no aparato ritual, em particular, nos trajes, indumentárias e atributos usados pelos adeptos durante as cerimônias.



No contexto ritual do Vale do Amanhecer, os trajes e atributos usados pelos adeptos são ostensivos e permitem situar os médiuns uns em relação aos outros no que diz respeito aos estatutos, nível de participação e função nos rituais, bem como ao pertencimento a uma linhagem espiritual. Os atributos colocados em evidência têm a forma de cruzes, triângulos, imagens de divindades protetoras, assinaturas e títulos referentes ao estatuto de cada membro. Há também uma relação entre o número de trajes que o adepto possui e o nível de responsabilidade associados a seus papéis e funções. Assim, quanto mais o adepto evolui em sua condição de iniciado, maior autoridade lhe será atribuída e maior será o número de trajes e de sinais visuais de identificação nas

---

<sup>4</sup> Mario Sassi veio a falecer na década de noventa, tendo abandonado a comunidade alguns anos antes para fundar um grupo dissidente.

indumentárias.

Os adeptos do Vale do Amanhecer constituem-se em duas categorias: os homens chamados de “jaguar” e as mulheres de “ninfa”. Organizados em pares -homem, mulher- durante os rituais, os adeptos atuam segundo o tipo de orientação ou mediunidade. Assim, os médiuns podem ser classificados em “mestre sol” ou “mestre lua”. O mestre sol também conhecido por mestre de doutrina ou “doutrinador” tem por função doutrinar os espíritos, enquanto o mestre lua denominado mestre de incorporação ou “apará”<sup>5</sup>, se torna, no momento do transe, o aparelho através do qual os espíritos se manifestam.

Ao propor duas formas de mediunidade, a doutrina do Vale do Amanhecer funda a divisão dos papéis sexuais complementares nas funções rituais na base de “qualidades” femininas e masculinas, histórica e socialmente construídas. Os médiuns “apará”, em sua grande maioria, mulheres, são identificados à emoção, ao corpo, às forças da lua, enquanto que os médiuns “doutrinador”, na maior parte, homens, estão relacionados com a razão, a palavra, as forças do sol, categoria da qual fazem parte grande número dos líderes da comunidade.

Durante a primeira fase de iniciação, o médium usa um traje simples e sóbrio, os homens vestem calça preta com uma túnica branca, enquanto que as mulheres vestem um longo vestido branco de mangas três-quartos. Após algumas semanas, estes mesmos médiuns serão autorizados a usar insígnias em forma de estrela, triângulo, cruz contendo os nomes das entidades protetoras. Algum tempo depois, ao se tornar mestre, o médium será autorizado a vestir a roupa de “jaguar”, ou seja, calça marrom e camisa preta, na versão masculina, e saia longa marrom com blusa rendada preta, na versão feminina. Ambos adeptos usarão um colete branco de couro ou de plástico onde haverá várias insígnias, presas com alfinetes, incluindo cartão com a foto de identidade, juntamente com assinaturas indicando o grau de “mestre jaguar”. Após ter adquirido a formação necessária correspondente ao nível de “mestrado”, os médiuns poderão vestir os trajes característicos das falanges missionárias, capas masculinas e conjuntos bem mais sofisticados, em sua versão feminina, acompanhados de véus, luvas, pentes e capas em tecidos leves, coloridos e brilhantes, especialmente criados para as cerimônias na Estrela Candente.

Existem vinte e dois grupos de falanges missionárias com características e atribuições próprias compostas, exclusivamente, por mulheres e, somente, dois grupos formados por adeptos homens.

O espaço físico da comunidade foi edificado através da construção de monumentos e áreas de culto localizadas nas imediações do templo principal. A maior parte das construções caracterizam-se pela presença de painéis em pontos estratégicos, visíveis a todos, fazendo referência à preceitos e dogmas da doutrina do Amanhecer. No caminho que leva o adepto do templo principal ao espaço sagrado da Estrela Candente, avista-se uma colina contendo a inscrição em letras monumentais “Salve Deus” lembrando a saudação utilizada entre os membros da comunidade com a qual Tia Neiva sempre iniciava ou terminava suas cartas.

Dentre as práticas rituais, destaca-se o ritual da Consagração também conhecido pelo nome de Estrela Candente, em referência ao espaço ao ar livre construído especialmente para as cerimônias. Considerado como sendo o cartão postal da comunidade, o ritual da Estrela Candente é celebrado diariamente, três vezes ao dia, com uma duração aproximada de quarenta e cinco minutos e a participação de um mínimo de trinta adeptos. Um grupo limitado de pessoas não iniciadas -de cinco a dez no máximo- podem assistir às cerimônias, de forma passiva, na condição de pacientes buscando se beneficiar com as energias manipuladas durante os rituais. Segundo os adeptos da comunidade, o ritual da Estrela Candente tem por objetivo principal receber as energias positivas trazidas pelos espíritos em naves espaciais que aterrissam três vezes ao dia, em horários específicos, bem como enviar para outros planos os espíritos nefastos, responsáveis por todos os males na superfície terrestre. As energias positivas acumuladas durante os rituais da Estrela Candente serão assim utilizadas

---

<sup>5</sup> A palavra apará seria uma abreviação de Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil.

posteriormente em todas as cerimônias e, em particular, nos rituais de cura também praticados na comunidade. Com um atendimento aberto ao público diariamente das dez às vinte e duas horas, o Vale do Amanhecer se define como sendo um “pronto-socorro universal”, denominação utilizada pelos próprios membros da comunidade.

No espaço ritual da Estrela Candente, encontram-se diferentes elementos, também representados com dimensões espetaculares, onde estão gravadas inscrições com preces. Estas inscrições têm por objetivo auxiliar a memória dos adeptos no momento da prática ritual. No decorrer do ritual, pode-se observar a importância dada à escrita através da representação de um livro aberto pintado numa enorme lápide em forma triangular localizada no alto da cachoeira. O livro contém uma prece que deve ser recitada pelos adeptos numa determinada fase do ritual, no exato momento em que cruzam a ponte que passa em cima da cachoeira.

O controle dos organizadores sobre os adeptos é exercido, em grande parte, com a ajuda de manuais e de formas escritas no próprio espaço ritual. Mesmo se uma grande proporção de adeptos do Vale do Amanhecer provem de classes populares, eles possuem um mínimo de instrução que lhes permite ler as diversas indicações escritas. No decorrer dos rituais, é possível, de fato, orientar-se graças às indicações visuais que se apresentam na forma de textos, lembrando de maneira visível e em momentos precisos, as preces que devem ser recitadas. Os exemplos que foram escolhidos atestam a importância atribuída à regra escrita, visto que as preces encontram-se representadas com formas monumentais. A representação visual pela escrita assume uma função determinante na medida em que ela ordena e mantém uma certa unidade ao longo dos rituais.

Divindades astecas e egípcias, pretos-velhos, princesas e caboclas do candomblé e da umbanda encontram-se representados lado a lado no impressionante conjunto de indumentárias rituais utilizadas pelos adeptos no decorrer das cerimônias. Além da diversidade do vestuário do corpo mediúnico, os agentes dos rituais recitam preces misturando frases e gestos que permanecem incompreensíveis aos leigos, tanto quanto a multiplicidade de imagens e símbolos presentes no espaço ritual. Alvo de curiosidade freqüente da parte de turistas e até mesmo de representantes de outras religiões, o Vale do Amanhecer, algumas vezes incluído no roteiro turístico da cidade, atrai muitos turistas e simpatizantes. Seria, precisamente, a qualidade do espetáculo proposto pelos rituais da comunidade um dos fatores que justificaria em parte o sucesso diante de um público de adeptos e de simples visitantes?

Esta hipótese inicial levou-me a abordar, em prioridade, os aspectos visuais dos rituais utilizando o cinema e o vídeo como instrumentos de pesquisa. Numa perspectiva fílmica, pode-se considerar que as cerimônias do Vale do Amanhecer assemelham-se profundamente, em seus ritmos e movimentos, ao universo teatral ou cinematográfico, na medida em que os adeptos, como atores prestes a atuar, maquiagem-se, vestem-se, aprendem de cor seus papéis, concentrando-se e preparando-se solenemente aos rituais. Neste contexto de encenação teatral -através dos rituais- e da construção da identidade de cada um -percebida pelo caráter espetacular das indumentárias associadas às práticas rituais- é que se pode falar da necessidade de se utilizar a imagem animada como suporte contribuindo ao processo de restituição das aparências.

As manifestações concretas do processo ritual tais como os movimentos de corpos, gestos e frases definem a esfera do trabalho ritual. Desta forma, ocorre o que se pode chamar de uma auto-montagem da sociedade, reconstituindo-se no conjunto das aparências, as representações do cotidiano. A tríplice aliança dos atores (adeptos e pacientes), do cenário (o espaço físico da comunidade) e das incalculáveis *mises en scène* rituais ali representadas faz do Vale do Amanhecer um local privilegiado para a observação de ritos religiosos no contexto urbano.

Quando decidi estudar o ritual da Estrela Candente sob o prisma da organização do espetáculo, dando prioridade aos aspectos visuais das cerimônias, meu interesse estava centrado nas aparências do religioso e na produção do espetáculo. Resolvi começar

explorando o cenário monumental do espaço da Estrela Candente, principal área reservada aos rituais, para, posteriormente, observar as técnicas do corpo dos adeptos, diferentes dos cultos afro-brasileiros e, enfim, fazer o inventário das vestuário ritual, cuja variedade de indumentárias e de acessórios servem, em sua maioria, para determinar papéis distintos no decorrer do processo ritual.

Para compreender melhor as dimensões espetaculares dos rituais, optei por utilizar o filme na medida em que este tornou-se o instrumento central de investigação. Pela observação diferida das imagens registradas, o filme foi transformado em verdadeira fonte de descobertas possibilitando apreender, de maneira detalhada, a totalidade das ações rituais.

Levando em conta o desenrolar no tempo e no espaço do processo ritual, decidi aplicar a análise praxeológica<sup>6</sup> enquanto método de investigação das formas da ação. Ao propor um quadro de análise, a praxeologia permitiu aprofundar o conhecimento sobre o ritual, revelando assim as relações de base das diferentes engrenagens do espetacular.

Além do filme, foram utilizadas outras técnicas de pesquisa tais como a observação participante, a fotografia, entrevistas gravadas com adeptos, histórias de vida e a consulta de documentos publicados pela comunidade do Amanhecer. O cruzamento de diferentes fontes de investigação possibilitou aumentar consideravelmente o horizonte da pesquisa.

As aparências do religioso presentes nos rituais da Estrela Candente caracterizam-se pelos seguintes aspectos que contribuem a criar o espetáculo ritual: um cenário grandioso, uma participação massiva, uma multitude de indumentárias rituais, bem como técnicas do corpo marcadas por desfiles no estilo romano.



Num cenário monumental construído sob medida, e caracterizado por uma abundância de elementos cênicos, os atores dos rituais praticam cerimônias que se desenrolam sob o olhar de todos, assumindo formas de ficção onde a emoção, ao mesmo tempo em que parece ultrapassar os limites da cena, é controlada por um protocolo cerimonial rígido. Como num palco, os protagonistas dos rituais incarnam personagens sagrados que se destacam pela riqueza de seus trajes, pelo controle de seus movimentos e gestos, pelo espetáculo recriado diariamente onde a ficção se confunde com a realidade.

Um dos traços que melhor caracterizam o ritual da Estrela Candente é seu caráter democrático: a participação massiva é aberta a todos tendo como único pré-requisito ter sido iniciado.

Entretanto, a necessidade de controlar o fluxo dos participantes obriga os organizadores dos rituais a instalar uma disciplina quase militar a fim de assegurar o desenrolar das cerimônias. Da mesma forma, as técnicas do corpo dos participantes comprovam igualmente a necessidade do controle das ações cujo objetivo principal é de evitar qualquer excesso corporal. O transe acontece de maneira discreta e sem paroxismo. O único modo de deslocamento autorizado é o desfile, sendo excluída a dança bem como outros tipos de manifestação corporal.

O espetáculo visual encontra sua principal força no conjunto do vestuário dos adeptos composto por trajes suntuosos com cores fortes e brilhantes. Tendo por objetivo celebrar o corpo, as indumentárias rituais impõem também limites aos movimentos impedindo gestos comuns devido ao porte da vestimenta. Assim, um protocolo rígido regula o conjunto dos

---

<sup>6</sup> A análise praxeológica é um método de investigação das formas da ação desenvolvido pela Formation de Recherches Cinématographiques da Université de Paris X-Nanterre, fundada por Jean Rouch e dirigida, atualmente, pela Prof.a Dra. Claudine de France. Entre outros pesquisadores da equipe, destacam-se Annie Comolli, Jane Guéronnet (falecida), Philippe Lourdou e Xavier de France.

comportamentos rituais dos participantes. O dispositivo sonoro composto de cantos, de hinos e de orações privilegia ritmos calmos e monótonos favorecendo assim gestos lentos e solenes. O controle efetuado pelos organizadores é igualmente exercido pela escrita. A regra publicada nos manuais da comunidade serve de suporte para guiar os participantes no decorrer das cerimônias. Apesar das diretivas formais, constatou-se na prática a existência de um número importante de derrogações e de variantes em relação à norma escrita, iniciativa tomada pelos próprios adeptos. Estas inovações são toleradas pelos organizadores dos rituais.

No espaço ritual da Estrela Candente, os participantes das cerimônias abandonam, no tempo de um ritual, suas vidas cotidianas para incarnar, de maneira gloriosa, personagens prestigiosos cujo papel principal é o de salvar toda a humanidade. Na cena ritual encontra-se um conjunto heteroclita do gênero épico. As *mises en scène* rituais da Estrela Candente se desenrolam assim segundo um roteiro escrito previamente, marcado por um restrito controle das ações rituais.



De caráter lúdico, caracterizado por uma profusão de imagens, a prática religiosa vivida pelos adeptos se desenrola diante do olhar de todos como uma ficção constituída por elementos cênicos, ao mesmo tempo, transbordantes e rigidamente controlados. Paradoxalmente próximos e, ao mesmo tempo, excluídos do universo de Brasília, os adeptos do Vale do Amanhecer recriam a sociedade e, de um modo próprio, sua própria história desde a Antigüidade até os discos voadores. Graças ao imaginário, os adeptos inventam um eixo temporal que lhes permite atravessar todas as épocas da humanidade.

Esta “religião-ficção”, concretizada pelo conjunto das *mises en scène* rituais, estimula os adeptos, através da representação de papéis prestigiosos, a se projetarem num mundo imaginário de lendas, marcado por uma visão idílica e reconfortante da humanidade onde reinam a harmonia e a felicidade absolutas.

### Referências bibliográficas:

Batista, Marilda: *Les dimensions spectaculaires du rituel de l'Estrela Candente au Vale do Amanhecer (Brésil). Une étude d'anthropologie filmique*. (Tese de doutoramento orientada pela Prof.a Dra. Claudine de France), Université de Paris X-Nanterre, 2000.

Comolli, Annie: *Les Gestes du savoir ou la découverte filmique des apprentissages*. Nanterre, Université de Paris X, Formation de Recherches Cinématographiques, collection Cinéma et Sciences Humaines n° 1, 1991 [1983].

France, Claudine de: *L'analyse praxéologique. Composition, ordre et articulation d'un procès*, *Revue Techniques et Culture*, n° 1, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1983, janvier-juin, pp. 147-170.

\_\_\_\_\_ : *Du film ethnographique à l'anthropologie filmique*. (Textes rassemblés et présentés par Claudine de France) Paris-Bruxelles-Bâle, Editions des Archives Contemporaines, 1994.

\_\_\_\_\_ : *Le destinataire du rite et sa mise en scène filmique*. Revue Cinéma, rites et mythes contemporains, n° 16, 1993, pp. 121-143

\_\_\_\_\_ : *Cinéma et anthropologie*. Paris. Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1989 [1982].

\_\_\_\_\_ : *Pour une anthropologie visuelle* (ed.) Paris, Mouton, 1979.

France, Xavier de: *Eléments de scénographie du cinéma*. Nanterre, Université de Paris X, Formation de Recherches Cinématographiques, collection Cinéma et Sciences Humaines n° 8, 1989 [1982].

Guéronnet, Jane: *Le Geste cinématographique*. Nanterre, Université de Paris X, Formation de Recherches Cinématographiques, collection Cinéma et Sciences Humaines n° 6, 1987 [1982].

Hamon-Sirejols, Christine et André GARDIES (dir.): *Le Spectaculaire*. Lyon, Cahiers du Gritec, Aléas Editeur, 1997.

Leroi-Gourhan, André: *Cinéma ethnographique et sciences humaines. Le film ethnologique, existe-t-il?* Revue de géographie humaine et d'ethnologie, n° 3, 1948, pp. 42-49.

\_\_\_\_\_ : *Le Geste et la parole, la mémoire et les rythmes*, vol. 2 Paris, Albin Michel, 1991 [1965].

Mauss, Marcel: *Les techniques du corps*. En: **Sociologie et Anthropologie**. Paris, Presses Universitaires de France, 1983 [1950].

Piault, Marc-Henri: *Une pensée fertile*. En: **Jean Rouch ou le ciné-plaisir**, Revue CinémAction, n°81, Condé-sur-Noireau, coédité par les Editions Corlet et Télérama, 1996, pp. 46-55.

Rocuh, Jean: *La Caméra et les hommes*. En: Claudine de France (ed.), **Pour une anthropologie visuelle**. Paris-La Haye-New York, Mouton Editeur, Les Cahiers de l'Homme, nouvelle série XIX, 1979.

\_\_\_\_\_ : *Le Cinéma ethnographique*. En: Poirier, Jean (éd.), **Ethnologie générale**. Paris, Editions Gallimard, 1968, pp. 429-471.

\_\_\_\_\_ : *Essai sur les avatars de la personne du possédé, du magicien, du sorcier, du cinéaste et de l'ethnographe*, En: **La Notion de personne en Afrique noire**. Paris, Colloques Internationaux du C.N.R.S., 11-17 octobre, Editions du C.N.R.S., 1971, pp. 529-544.

Turner, Victor W.: *Le phénomène rituel. Structure et contre-structure*. Paris, Presse Universitaires de France, 1990 (Titre original : *The Ritual Process. Structure and Anti-structure*, 1969).

### **Referências filmográficas:**

Batista, Marilda

1995 *Jornada na Estrela Candente*. Brasil, Super 8mm, colorido, 22 min.

1996 *Aspirantes no caminho da Estrela Candente*. Brasil, Super 8mm, colorido, 5 min.

1995 *O ritual da Estrela Candente*. Brasil, vídeo Hi-8mm, colorido, 22 min.

1996 *Abatá: médiuns nas esquinas da espiritualidade*. Brasil, vídeo Hi-8mm, colorido, 12 min.

Bodansky, Jorge

1998 *Brasília, de l'utopie à la réalité*. Brasil, vídeo, colorido, 30 min.

Rouch, Jean

1948 *Initiation à la danse des possédés*. França, 16 mm, preto e branco, 23 min.

1951 *Yenendi, les hommes qui font la pluie*. França, 16 mm, colorido, 28 min.

1954 *Les Maîtres Fous*. Ghana, 16 mm, colorido, 26 min.

1958 *Moi, un noir*. França, 16 mm, colorido, 73 min.

1962 *Monsieur Albert, prophète*. França, 16 mm, colorido, 33 min.

1971 *Tourou et Bitti, les tambours d'avant*. Niger, 16 mm, colorido, 10 min.

1972 *Horendi*. França, 16 mm, colorido, 90 min.

Sarno, Geraldo

1976 *laô, a Iniciação num Terreiro Gege-Nagô*. Brasil, 35 mm, colorido e preto e branco, 70 min.

Tendler, Silvio

1980 *Os anos JK, uma trajetória política*. Brasil, 35 mm, colorido, 110 min.

Wagner, Antonio

1994 *Brasília, ville rêvée*. França, produzido por ORSTOM Audiovisuel, vídeo, colorido, 45 min.